

A MISERIA DO MUNDO: TESTEMUNHO DE UM ESTUDANTE PESQUISADOR¹

CHARLES SOULIE

Université Paris 8, Vincennes-Saint-Denis, Paris

Tradução: MARIA AMALIA DE ALMEIDA CUNHA

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

*« A história social das ciências
sociais não é uma especialidade
entre outras. É um instrumento
privilegiado da reflexividade
crítica, condição imperativa da
lucidez coletiva e também
individual »*

Pierre Bourdieu²

RESUMO: Este artigo descreve como fui iniciado como aprendiz de sociólogo. Ao longo de minha formação, experimentei a investigação coletiva que culminou com a publicação de *La Misère du monde*. Após a descrição do meu percurso acadêmico e da minha gradual entrada na « casa Bourdieu », relato, com base nos arquivos, o projeto inicial desta pesquisa e as inflexões metodológicas que dão origem e que conduzem, em particular, a ideia de entrevista sociológica como um « exercício espiritual ». Em seguida, descrevo sua implementação e concluo falando sobre a divisão do trabalho dentro do « coletivo hierárquico » que envolvia Bourdieu. A fim de contribuir para a história social das ciências sociais, tentei sociologizar tanto quanto possível esse testemunho, situando-o no contexto social e histórico da época.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória Acadêmica; Sociologia Bourdieusiana; História Social das Ciências Sociais.

INTRODUÇÃO

Tendo participado há mais de trinta anos como investigador da pesquisa coletiva que em março de 1993 resultou na publicação da obra *A Miséria do Mundo*, desejo relatar, neste artigo, a minha experiência neste grande empreendimento, incluindo-a em meu trajeto de formação. Desta forma, começo descrevendo minha trajetória acadêmica e como fui me inscrevendo, de forma gradativa, na “casa Bourdieu”. Tal relato permitirá ao leitor situar meu ponto de vista e assim familiarizar-se com o funcionamento do universo analisado. Em seguida, descreverei o cenário daquilo que inicialmente se denominou de “mal-estar social” e, por último, relatarei a forma como vivi esta experiência.

O material mobilizado neste relato em primeira pessoa consiste essencialmente nas minhas notas de seminário, situações registradas em meu caderno de campo, algumas entrevistas, bem como uma exploração parcial dos arquivos³. Ao escrever este testemunho, tentei permanecer fiel a quem eu era e, portanto, restaurar as coisas como as vivi como aluno e, em particular, tentar evitar - como costumamos fazer quando se trata de um personagem carismático como Bourdieu - idealizar demais *a posteriori*. Trata-se de um exercício importante também para mim, por toda a admiração que eu possa ter pela obra, assim como pela pessoa de Pierre Bourdieu, que aliás se tornou muito mais presente para mim, após o contato com os arquivos e assim me manter fiel ao seu realismo e continuar a praticar aquilo que ele chamava de "objetivação participante"⁴. Método com o qual, pelas particularidades da minha trajetória e formação, tive algumas afinidades *a priori*. E espero que este testemunho não ceda demasiado à "ilusão biográfica", podendo integrar-se a um trabalho de investigação coletiva mais substancial⁵.

DA HISTÓRIA À SOCIOLOGIA, PASSANDO PELA FILOSOFIA

Após um bacharelado econômico e social obtido em uma subprefeitura no sudoeste da França (Villefranche de Rouergue), "fui para Paris" e comecei os meus estudos universitários em licenciatura em história na Universidade de Paris 8 *Vincennes-Saint-Denis*. Então, querendo dar um passo atrás nessa formação mais histórica que considero insuficiente para uma reflexão conceitual se eu tivesse frequentado, por exemplo, uma universidade mais tradicional, inscrevi-me na Unidade de Formação e Pesquisa (UFR) em Filosofia da Universidade de Paris 1 *Panthéon Sorbonne*, onde eu já fazia uma licenciatura em filosofia e descobri um tipo de aluno que até então me era desconhecido, os ex-alunos das classes preparatórias que ocupam uma posição dominante neste universo.

E foi em 1985, quando preparava uma dissertação de mestrado dedicada à teoria hegeliana do Estado, sob a orientação de Hélène Védrine, ex-combatente da resistência e especialista em filosofia renascentista, além de aberta às ciências sociais (em suas aulas, esta sartreana calorosa falou certa vez com admiração de Claude Lévi-Strauss), é que comecei a acompanhar como ouvinte o curso de sociologia geral de Pierre Bourdieu no *Collège de France*⁶. Com efeito, começam a pesar sobre mim o teorismo e o caráter particularmente escolástico da disciplina filosófica e a sua "retórica adaptável a todas as disciplinas ou o grande estilo evasivo (o *High Talk*, como às vezes lhe chamam os anglo-saxões⁷)" que contribui em particular para explicar o seu sucesso social e midiático. Este primeiro contato com Bourdieu desperta em mim um crescente ceticismo. Por outro lado, acho que a sociologia de Bourdieu articula de maneira particularmente eficaz a exigência empírica e a ambição teórica, ao mesmo tempo em que concede um lugar central à questão das relações de dominação. Sabendo disso, na época, também ressoou em mim a frase iconoclasta de Marx e Engels segundo a qual "qualquer problema filosófico profundo se resolve facilmente com um fato empírico"⁸.

Assim, em setembro de 1987, desejoso de me aproximar do “mestre” cuja aura já é nesta altura considerável, escrevi a Pierre Bourdieu para solicitar a permissão como aluno ouvinte no seu Seminário no Centro de sociologia européia, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e assim iniciar minha aprendizagem na “profissão de sociólogo”, em particular nos métodos de investigação da sociologia que, em razão da minha formação inicial e como muitos aspirantes a sociólogos oriundos de outras disciplinas, até então não conhecia⁹. Foi uma forma de me reconectar com o empirismo dos meus estudos de história e redescobrir “esse prazer em aprender coisas singulares” de que fala Leibniz¹⁰. Entretanto, Bourdieu recusa o pedido, citando o fato de trabalhar em uma equipe já muito numerosa.

Mesmo após essa negativa, reiterei meu pedido todos os anos. E foi somente em 1989, depois de ter enviado um relatório de investigação com cerca de cinquenta páginas, baseado em uma pesquisa coletiva por meio de questionários lançados espontaneamente, fora de qualquer curso acadêmico e após a crise político-pedagógica de dezembro de 1986 que abalou a UFR de filosofia de Paris 1 – a pesquisa tratava não apenas do recrutamento, bem como dos objetivos profissionais dos alunos desta UFR onde estudava, por acaso, um dos filhos de Pierre Bourdieu (Emmanuel). Bourdieu, ao tomar conhecimento dessa pesquisa, convida-me para ser um “aluno ouvinte” em seu seminário da EHESS¹¹. Assim, durante a sessão inaugural de 9 de novembro de 1989, apresentei os resultados desta pesquisa, fortemente inspirado pela minha leitura de *La Noblesse d'État*, cujo autor acabara de publicar por ocasião do bicentenário da Revolução Francesa: um caminho para mostrar que a nobreza do Antigo Regime havia sido sucedida pela nobreza estatal consagrada pelo sistema de aulas preparatórias nas “Grandes Escolas”.

Então, em julho de 1990, quando eu tinha 29 anos, morava com uma companheira, já era pai e trabalhava há quase dez anos como telefonista noturno em meio período em um Hospital a fim de financiar meus estudos, pedi novamente à Bourdieu para que desta vez orientasse minha tese sobre o funcionamento do campo filosófico. Bourdieu então me redirecionou para dois de seus pares que provavelmente estariam habilitados a supervisionar uma tese. Tratava-se de Rémi Lenoir e Jean-Claude Combessie¹² e foi sob a direção deste último, um *normalien d'Ulm* de origem provinciana, graduado em letras, que se tornaria um especialista em estatística, que minha tese foi orientada e defendida em 1994, acerca dos determinantes sociais das práticas de pesquisa em filosofia¹³.

Minha participação modesta e muito limitada na investigação coletiva que leva à obra *A Miséria do Mundo* é, portanto, inseparável de meu aprendizado, mais ou menos por tentativa e erro, na profissão de sociólogo. Ao mesmo tempo em que me familiarizei com a “casa Bourdieu”, simpatizei-me com os doutorandos da minha geração (de várias origens sociais, muitas vezes de origem provinciana, sem nenhum normalista ou *agrégé* entre eles) e alguns dos quais contribuíram para esta pesquisa¹⁴. E em dezembro de 1989, a insatisfação com nossa formação e a vontade de aprender e trabalhar em equipe nos levaram (nosso grupo de “juniores”) a iniciar uma investigação coletiva.

De fato, alguns de nós sentiram algumas dificuldades metodológicas e, por exemplo, ficavam perplexos na hora de analisar as entrevistas produzidas no âmbito das nossas teses, as críticas recebidas diante do caráter complacente da “sociologia ou da literatura de gravador”, bem como a chamada entrevista “não diretiva” que Bourdieu

também dizia ser um “mingau para gatos”, não necessariamente nos esclarecendo a respeito. Da mesma forma, o tema sobre a “construção de objetos” ocupa o primeiro lugar em seus seminários e a insistência na “ruptura epistemológica”, na crítica das noções a respeito do senso comum, assim como o papel central desempenhado pelo “campo” em sua concepção do mundo social, levam-nos a relativizar a importância dos propósitos dos entrevistados¹⁵. Mas o mesmo se passa com a nossa formação em métodos etnográficos, estatísticos, etc., os primeiros computadores portáteis começam a difundir-se junto ao grande público e a democratizar as possibilidades de cálculo, nomeadamente através da difusão generalizada do Excel. Sem falar dos problemas (mais ou menos dolorosos e, portanto, dizíveis) de escrita que muitos de nós encontramos ao redigir nossas teses, muitas vezes como produto de nossa trajetória escolar pregressa. Grande parte dos cursos oferecidos no início dos anos 1990 consistia em apresentações de pesquisas¹⁶, apresentações que muitas vezes eram estimulantes, apesar da natureza muito díspar dos objetos estudados, mas que atendiam apenas parcialmente às nossas necessidades práticas, como neófitos que éramos, forçados a aprender esses métodos por conta própria¹⁷.

No que concerne às arguições, apesar das exortações de Bourdieu a esse respeito, poucos de nós realmente ousamos falar sobre as nossas dificuldades. O imperativo acadêmico e defensivo de apresentar publicamente uma pesquisa perfeitamente “acabada” e, portanto, inatacável era-nos frequentemente imposto e sempre tínhamos o julgamento do “mestre”. Mestre que, apesar das consideráveis diferenças de idade, *status*, reconhecimento, etc., entre os diferentes participantes do seminário, gostava sempre que este lugar fosse regulado de acordo com o princípio da franqueza e da *philia*. Assim, durante o seminário de 11 de janeiro de 1996, Bourdieu destaca, por exemplo, que: “A amizade e a afetividade não são apenas um complemento. São sentimentos constitutivos do trabalho intelectual. Autorizo-me como filósofo para dizer: o conhecimento nunca é puramente cognitivo, e sublinhar em seguida que essa dimensão afetiva dificilmente aparece para epistemólogos que são “intelectualistas” demais.

Inicialmente, quisemos trabalhar com os estudantes de sociologia da EHESS a fim de compreendermos porque tão poucas teses culminaram em defesa. Assim, durante o seminário da EHESS de 9 de novembro de 1990, Bourdieu apresentou a (surpreendente) porcentagem de 5% das teses defendidas neste estabelecimento. Como pudemos ver, essas escolhas de objetos referiam-se diretamente à nossa própria realidade, a quem éramos, bem como as incertezas em que estávamos imersos em relação ao nosso futuro¹⁸. Deve-se dizer também que, no contexto de seus seminários, Bourdieu mantinha um discurso muito pessimista em relação à sua capacidade de colocar seus alunos no CNRS, bem como na Universidade. E ele ainda nos aconselhava a evitar fazer referências a ele explicitamente, ou mesmo “negar” tais referências, para que nossas chances de ser recrutados pudessem aumentar.

Seguramente, os “bourdieusianos” – ou melhor, os “*bourdivins*”, como alguns de seus críticos nos chamavam pejorativamente, criticavam as pretensões intelectuais consideradas excessivas pelos membros dessa escola que, de fora, era frequentemente comparada a uma “seita” ou ao “terrorismo” do seu líder – eram muitas vezes “barrados”

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

no recrutamento tanto pelo CNRS, quanto pelas Universidades¹⁹. O que, por sua vez, contribuiu para alimentar o sentimento de pertença a uma espécie de “minoria dos melhores” (Elias), bem como para reforçar a coesão de um grupo, nomeadamente assente numa forma de idealização coletiva da sociologia e da sua vertente científica e em suas capacidades emancipatórias, desenvolvendo em nós um forte gosto da arte pela arte.

Legenda : Publicidade do lançamento da obra *A Miséria do mundo*, no jornal *Le Monde* du 18 mars 1993.



Fonte: Arquivos pessoais, Charles Soulié.

Assim, no discurso proferido por Bourdieu em 7 de dezembro de 1993, por ocasião do recebimento da medalha de ouro do CNRS, logo após a publicação de *A Miséria do Mundo* (que foi sem dúvida seu best-seller editorial, tendo vendido 80 mil exemplares em brochura, além de ter sido beneficiado por uma cobertura mediática excepcional), Bourdieu fez um apelo ao Ministro do Ensino Superior e ao Diretor-Geral do CNRS presentes na audiência “todos os que hoje ingressam na profissão e que muitas vezes têm de viver sozinhos, durante os anos mais decisivos de sua existência científica, sem ter a certeza de um dia ter a chance de obter o posto de professor ou pesquisador capaz de lhes garantir condições de trabalho dignas”. Em seguida, complementa, “espero que os “benefícios” que reivindico para a sociologia cheguem antes de tudo a todos aqueles que se uniram a ela e, em particular, “aqueles que participaram comigo do empreendimento um tanto desproporcional que levou *A Miséria do Mundo* (...) “Isso, muitas vezes, sem outras gratificações (não se pode dizer que o cientista da comunidade foi muito generoso com eles), a não ser a satisfação de participar de uma aventura intelectual. O meu prazer seria maior esta noite se tivesse a certeza de que receberam das instituições que os acolhem, ou que as deveriam acolher, CNRS, *Écoles des Hautes Études*, etc., o justo reconhecimento do seu mérito”. E, por fim, relaciona essas dificuldades ao fato de que, “como os durkheimianos, tentamos implementar um estilo de trabalho que, em particular por seu caráter coletivo, contrariava as tradições e as expectativas de um mundo intelectual ainda preso à lógica literária com suas alternativas mundanas do singular e do banal, do novo e do ultrapassado, que privilegiam os pequenos mestres presunçosos e a busca pela originalidade a todo custo²⁰”.

A difícil reprodução « dos carismáticos »

Em 1995, Gisèle Sapiro, que em 1994 havia defendido um doutorado no campo literário, foi a primeira recrutada no CNRS com o “rótulo Bourdieu” em quase vinte anos. E Dominique Marchetti - um dos dois últimos doutores de Pierre Bourdieu que defendeu uma tese no campo da mídia em 1997 - ficou muito “surpreso” ao ser recrutado em 1998. Nas Universidades, os bloqueios também são muito poderosos e os “bourdieusianos” frequentemente estigmatizados²¹. É por isso que quando em 1997 e no final da minha terceira campanha fui finalmente recrutado (e de forma totalmente inesperada para uma vaga de “metodologia”, ainda que eu não me sentisse particularmente competente na matéria) no departamento de sociologia da Universidade de Rouen. Bourdieu dará, para o grande espanto da presidência desta Universidade, uma aula à distância no *Collège de France* sobre “*A Dominação*”: uma forma de agradecer por este recrutamento²². E fez o mesmo quando Frédéric Lebaron e Laurence Proteau foram recrutados na Universidade de Amiens. Em seguida, encontramos a solicitude e generosidade que soube demonstrar para com os membros da sua equipe colocados em uma situação social, profissional ou ainda institucional difícil, fato que contribuirá para reforçar a sua fidelidade.

Em geral, parece que nas Universidades os “bourdieusianos” desse período aproveitaram as oportunidades abertas pela segunda massificação universitária. Em quase dez anos, de 1988 a 1997, o número de professores-pesquisadores em sociologia quase dobrou, passando de 313 para 573²³. Mas, além da Universidade *Paris Dauphine* e em razão da presença no local de Catherine Bidou-Zachariassen, a maioria desses bourdieusianos havia sido recrutada fora da região de Paris e em pequenas universidades do interior, em departamentos de sociologia recentes (Chambéry, Caen, Poitiers, Rouen, Amiens, mas também Nantes, devido notadamente à presença de Charles Suaud, discípulo do mestre), ou mesmo em disciplinas periféricas (ciências e técnicas das atividades físicas e desportivas, ciências da educação, etc.²⁴). Para retomar a oposição desenvolvida em *Homo academicus*, podemos dizer que se ao final de sua carreira o poder intelectual de Pierre Bourdieu era considerável, seu poder temporal era muito fraco.

Assim, durante o seminário da EHESS de 9 de fevereiro de 1998 e após recordar que Claude Lévi-Strauss seria “quatro vezes reprovado na Sorbonne”, ele sublinhou que: “A reprodução dos carismáticos coloca um problema, não temporal. Salvo acidente, eles se reproduzem muito bem em sua vida acadêmica”. O que confirma o ditado de que: “Ninguém é profeta em seu país”.

Se a nossa vontade de trabalhar em equipe é fortemente encorajada por Bourdieu, que muitas vezes sublinhou o interesse de um trabalho coletivo onde cada um pudesse colaborar com o outro, ajudando a desnaturalizar o seu ponto de vista e a promover a formação dos pares, tanto sociais quanto epistemológicos em seu laboratório, de modo a favorecer praticamente “a conciliação dos contrários”, nossos objetos de enquete iniciais não entusiasmam muito. Na verdade, Bourdieu prefere sobretudo que trabalhe sobre “as ciências sociais”, um tema cujo alcance me assusta

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

um pouco, mas que se reúne às preocupações reflexivas e também se inscreve no quadro do tema de tese (não defendida) de um de nós. Neste caso, Hughes Ollivier que, sob a direção de Victor Karady, conhecido principalmente por seus trabalhos sobre “os durkheimianos”, trabalha sobre “a vocação de sociólogo”.

É por isso que no primeiro semestre de 1990 realizamos algumas reuniões para as quais Bourdieu e alguns membros de sua equipe (Francine Muel-Dreyfus, Louis Pinto, Johan Heilbron etc.) nos convidam a realizar cinco entrevistas com sociólogos em serviço, a fim de estudar a profissão de sociólogo no campo em que ela é exercida²⁵. Mas, como uma série de projetos estudantis mais ou menos efêmeros, esta pesquisa permitiu familiarizarmos com a história das ciências sociais, produzir arquivos orais e como comparar nossas análises em torno de cada entrevista. Todavia, ela termina nas férias de verão, para dar lugar à “pesquisa sobre o mal-estar social”.

O PROJETO INICIAL

Em 1989, Pierre Saragoussi, chefe do programa de Desenvolvimento e Solidariedade da Caixa dos Depósitos e Consignações, contactou Pierre Bourdieu para realizar uma grande pesquisa sobre a pobreza²⁶. Bourdieu critica então o uso de pesquisas e sugere, em vez disso, a realização de um levantamento por meio de entrevistas em profundidade realizadas por sociólogos já familiarizados com esses problemas. Retomando a expressão um tanto vaga de “mal-estar social” usada pela Caixa, ele propõe lançar uma pesquisa destinada especialmente a converter o mal-estar em sintomas: “Isso consiste em fazer uma forma de sociologia que não praticamos ordinariamente: em vez de questionar as pessoas com aparência de neutralidade, como se faz nas sondagens, trata-se de tentar fazer com que as pessoas digam o que não vai bem em suas vidas. A ideia é que existem coisas que não vão bem, pessoas que não vão bem. Há sofrimento no mundo social. Podemos, sem partir da sociologia mais objetiva, tentar chegar a isso? Podemos fazer uma espécie de “sintomatologia social”²⁷?

Claramente, este projeto tem raízes mais antigas: “Eu idealizei o projeto há muito tempo - já em 1982 - e fiz as primeiras tentativas. Do que se trata? Sobre o que se poderia chamar de “sociologia das profundezas”, entendo uma sociologia que vai além das aparências, das declarações superficiais e que se esforça por apreender os mal-estares profundos, os impulsos reprimidos, as aspirações reprimidas, tudo o que a rotina da existência ordinária tende a censurar e que escapa às técnicas ordinárias, para não falar das sondagens de opinião e daquelas a que chamo, ainda com Platão, os *doxósofos*, aqueles que fazem profissão de conhecer a *doxa*, isto é, a opinião, mas também a aparência, os sábios aparentes garantidores da aparência²⁸”.

Desde o início, esta pesquisa pensada como uma “pesquisa anti-survey” tinha um forte objetivo político, referindo-se em particular ao envolvimento cada vez mais visível de Pierre Bourdieu no debate público, que o sucesso editorial de *A Miséria do Mundo* contribuiria para legitimar ainda mais: “Um dos impulsos que me impeliu a esta investigação é que vendo, como todo mundo, o mundo social funcionando como funciona, e vendo-o mais de perto em certas ocasiões, acho que é insuportável que a comunidade não intervenha. É um sentimento ingenuamente ético: não podemos deixar que os políticos continuem assim. Eles estão completamente isolados do mundo social. A comunicação base/topo da pirâmide é zero: os tecnocratas, que passaram pela

ENA (Escola Nacional de Administração, considerada uma das *Grandes écoles*), estão cegos e trancados em um campo político sem portas nem janelas. Não sabem e não sabem que não sabem. Eles acham que sabem. Há um silêncio dos intelectuais ou melhor, só se pronuncia quem não sabe²⁹.

Ao realizar uma centena de entrevistas com “pessoas particularmente vulneráveis” e ocupando “posições sensíveis”, é preciso reexaminar o cânone metodológico usual para explorar “o mal-estar social inconsciente”, para ver o que há de errado com o mundo social, o que é incômodo (e não apenas um “problema”); ver esta espécie de expressão de sofrimento, inapropriada ou não, e com isso explicitar o que costuma ser ignorado por agentes e porta-vozes profissionais (partidos, políticos, etc.). De fato, explica Bourdieu: “A política foi constituída contra o doméstico: a definição moderna de política é o “não privado” das pessoas; portanto, o que é privado está praticamente excluído, por definição tácita, do universo político. O discurso político é um discurso geral, público, de interesse geral. Isso explica porque os humores podem ser expressos politicamente (em um voto), mas sem serem constituídos politicamente, o que significa que não sabemos o que é expresso nessas expressões (não sabemos, por exemplo, o que significa votar em Le Pen, PS, etc.)³⁰”.

O objetivo do sociólogo, que atua mais como um escritor público do que como um porta-voz, é relatar essas informações, que não são apenas um simples registro instantâneo do tipo produzido pelas pesquisas de opinião, mas o produto de uma co-construção entre pesquisador e entrevistado, suscetível de revelar virtualidades, potencialidades. Em seguida, trazê-lo para o campo político para quebrar o monopólio dos políticos e dos homens da mídia que formam um mundo fechado, a política tendendo cada vez mais a ser jogada “a portas fechadas na frente do povo espectador³¹”.

Durante a reunião preparatória no final de junho de 1990, um cronograma foi esboçado. Tratava-se de mostrar os primeiros resultados durante o colóquio de 25 de outubro de 1990 da Caixa (uma vintena de entrevistas estava prevista), notadamente costurada por Michel Rocard, então primeiro-ministro e a quem Bourdieu já havia conhecido por meio da mediação do linguista Pierre Encrevé³². Depois de ter uma centena delas, talvez fosse possível publicá-las na forma de um “Livro Branco” reunindo casos clínicos apresentados como tantos contos à la Flaubert (Cf. *Trois contes*)³³. Assim, originalmente, a “pesquisa do mal-estar social” foi pensada como uma “pesquisa diagnóstica”, destinada a dar uma primeira contribuição a um conhecimento clínico da sociedade francesa (os sintomas). E seria alargada “por um estudo estatístico das estruturas, o único capaz de identificar a etiologia dos sintomas registados pelo primeiro³⁴”.

Todavia, este estudo não seria realizado, o que sublinha a inflexão metodológica mais ou menos transgressiva que a experiência de *A Miséria do Mundo* suscita e que conduz, em particular, à concepção da entrevista sociológica como um “exercício espiritual”. Assim, em diálogo com Jacques Maître, Bourdieu explica que por causa de sua “repressão positivista”, essa inflexão para o “espiritual” lhe custará muito³⁵. E esta inflexão parece-nos congruente com o papel cada vez mais importante que Bourdieu atribui aos temas da “pulsão”, como a *philia*, na sua análise da relação

pedagógica, bem como do funcionamento do universo científico. Mas também com seu engajamento cada vez menos tecnocrático e mais profético na luta política que culmina, em particular, com o movimento social de dezembro de 1995 e depois lhe garante uma irradiação inigualável, mas com todos os mal-entendidos intelectuais e políticos necessariamente associados³⁶.

QUAIS ENTREVISTADOS, PARA QUAIS PESQUISADORES?

Uma vez definido o objetivo, o próximo passo é selecionar a população pesquisada. Sabendo que, como Bourdieu frequentemente repete durante esta pesquisa, pensada desde o início como particularmente “original” e “arriscada” e, portanto, afastando-se das rotinas metodológicas que deseja questionar (sobre o assunto, ele diz em particular que “A relação entrevistador/entrevistado é a caixa-preta das ciências sociais” e critica o fantasma positivista dessa “ciência sem cientistas” veiculada por alguns), “o método se define caminhando, na prática”. Ou como ironicamente apontou durante o seminário de 9 de abril de 1992: “Só nos tratados de metodologia é que se deve seguir a metodologia”.

Trata-se de questionar “pessoas em crise nas categorias em crise” e que sejam capazes de verbalizar. É necessário, portanto, encontrar “bons “historiadores” de sua doença (cf. Cicourel). Ter pessoas que consigam narrar as suas doenças, as suas experiências”. Bourdieu continua evocando desde o início da investigação os seguintes perfis: proprietários endividados, emigrantes gentrificados, árabes de Minguettes, jovens brancos de territórios vulneráveis, estudantes de primeira geração, enfermeiras, pequenos camponeses em declínio, proletários em moradias públicas, *pieds noirs*^{37**}. Ou seja, muita gente que é “pobre em sua classe”, sabendo que o que importa não é o fato de ocupar uma alta ou baixa posição na estrutura social, mas a posição relativa ocupada em seu subespaço específico.

Daí a distinção entre a “miséria de condição” (ou “a grande miséria”) e a “miséria de posição” (ou “a pequena miséria”). Se a primeira tradicionalmente se refere à posição de classe dos agentes e, por vezes, já está politicamente constituída (por exemplo, “o mal-estar dos camponeses”), a segunda, que muitas vezes também encobre a primeira, refere-se à posição específica que cada um ocupa em seu subespaço de pertença e é notadamente ilustrada pelo “paradigma do contraabaixo” (caso de um instrumento dominado ocupando uma posição baixa num conjunto alto). Como Bourdieu aponta: “As sociedades modernas são universos muito diferenciados e nunca estamos onde gostaríamos de estar. Isso produz muito sofrimento que não levamos a sério e que desencadeia outros sofrimentos³⁸». Sabendo que durante esta pesquisa, uma atenção especial é dada à questão da psicologização e, portanto, da modernização da “miséria da condição”.

Mas é preciso questionar também os “especialistas práticos”: sejam praticantes de problemas sociais (comissários, assistentes sociais, educadores sociais, sindicalistas, magistrados, fiscais do trabalho, professores etc.) que ocupam posições estratégicas e que possuem também um grande capital de saber espontâneo sobre o mundo social³⁹. Com efeito, alguns são verdadeiros “tesouros vivos” da experiência sobre o social e o objetivo consiste então em recolher metodicamente esse conhecimento prático, a fim

de se compreender como funciona “um sistema *expert*” e, portanto, estudando a sociologia espontânea que dele resulta, quais são seus conceitos, as contradições, etc.

Mas, ao longo da investigação, a distinção entre pessoas em situação de sofrimento social e os informantes tende a se apagar um pouco. Isto porque muitos informantes responsáveis por gerir o sofrimento alheio acabam, eles mesmos, em uma situação de desconforto e tornam-se eles os respondentes. E encontrando uma intuição de análise institucional, Bourdieu aponta que “os problemas das pessoas com problemas são em parte produto das organizações responsáveis por lidar com elas⁴⁰”. Por outro lado, muitos entrevistados conseguem, com a ajuda de um « sociólogo obstetra », inspirado no modelo socrático, explicar as razões estritamente sociológicas de seu sofrimento, que às vezes têm efeitos catárticos ou até mesmo terapêuticos⁴¹. E isso sem dúvida explica porque o projeto inicial que consistia em estudar metodicamente a sociologia espontânea dos agentes desapareceu em favor de um estudo mais modesto das formas de racionalização, negação, repressão etc. e, portanto, de um trabalho levado a cabo pelos entrevistados, para “encontrar uma interpretação aceitável”.

Sociologia e psicanálise: uma aproximação distante

Como aponta Francine Muel-Dreyfus, o uso de conceitos inspirados pela psicanálise por Pierre Bourdieu aumentou a partir da década de 1990⁴². Os arquivos revelam, assim, que ele gostaria de ter feito uma entrevista com um psicanalista e ter entrevistas filmadas em vídeo analisadas por um psicanalista, um linguista e um sociólogo para “enfrentar questões científicas⁴³”.

Mas se uma série de conceitos psicanalíticos são mobilizados para descrever a dinâmica psíquica e alimentar uma forma de sociologia clínica, Bourdieu, que durante os encontros da pesquisa sobre o mal-estar social (que esteve na origem da obra *A Miséria do mundo*), também nos convida a dar atenção à « contratransferência », a ser « escuta do nosso inconsciente », como que para « deixá-lo falar ». Defende a ideia de uma etiologia propriamente sociológica de alguns dos desconfortos que os psicanalistas e psiquiatras tratam, como por exemplo, as « contradições íntimas » ordinariamente vividas de modo puramente individual, ou mesmo morais (sentimento de culpa, por exemplo), muitas vezes sendo « contradições estruturais » (e, portanto, sociais) referindo-se, por exemplo, à experiência de rebaixamento, migração ou aos diferentes tipos de *double bind* que estão na origem de uma grande variedade de sofrimento.

Falando das entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa sobre o mal-estar social, Bourdieu explica que o seu objetivo « é apreender, através do sofrimento das pessoas, a revelação das estruturas sociais que falam através deste sofrimento. A ideia central do projeto é que através de suas tensões, suas dificuldades, suas contradições, as pessoas consigam expressar as contradições, os constrangimentos a que estão sujeitas. Podem ser os constrangimentos entre o cargo que ocupam e o percurso, podem ser os constrangimentos que atravessam na instituição onde estão filiadas⁴⁴ ».

Assim, ao longo de sua carreira, Bourdieu, que por seu « *habitus* científico clivado » foi um virtuose na « conciliação dos contrários », é aquele que desconcertou muitos de seus contemporâneos que insistiram em classificá-lo com as categorias

escolares comuns, não cessou de combater as oposições entre as disciplinas, os métodos e as « antinomias estúpidas » nas quais (sem saber), muitas vezes estamos presos. E, por exemplo, ele criticou a famosa oposição diltheyana do “explicar” e do “compreender”, enfatizando que: “Quanto mais se é objetivista, estrutural, mais nos aproximamos da experiência vivida⁴⁵ ».

Ainda no que concerne à definição da população investigada, se o objetivo inicial foi diversificar os entrevistados segundo uma lógica de « captar dados mais finos » e não segundo uma lógica de « cotas », a questão da representatividade resvala na « exiguidade » da população pesquisada, uma vez que notamos uma tensão epistemológica, capaz de fazer persistir a preocupação com a representatividade, ainda que de modo mais discreto. Assim, durante a reunião de 24 de janeiro de 1991, tratamos de atualizar o diagrama de *La Distinction* e Gabrielle Balazs apresentou as 45 entrevistas já realizadas, classificando-as por categoria socioprofissional. Da mesma forma, no Relatório de Campo de 27 de junho de 1991, Bourdieu apontava que ainda faltava um policial, uma mulher solteira com filhos etc.⁴⁶ ».

Por fim, em relação aos entrevistadores, Bourdieu sublinhou que se tratava de “uma pesquisa para sociólogos experientes”. Estes devem ser « estudiosos e comprometidos », tendo em vista as conquistas das ciências sociais e conhecendo bem as estruturas objetivas: « Você deve ter em mente todas as propriedades do entrevistado, aquelas que o caracterizam (nível de educação, profissão, etc.) e que caracterizam sua família (cônjuges, filhos, etc.); aqueles que caracterizam seu ambiente econômico e social, para poder « interpretar » e relançar as categorias como questões relevantes⁴⁷. O sociólogo não só deve ser particularmente culto, mas também deve ser particularmente apurado em termos de método e, por isso, ter um certo tato sociológico no que se refere tanto às modalidades de sua inserção no universo estudado quanto ao seu *habitus*/formação e, portanto, às suas disposições primárias (mais ou menos reformuladas e, portanto, controladas), como científicas. É por isso que « este tipo de investigação é, na prática, muito difícil. Você tem que ser muito controlado, reflexivo e cuidadoso. Mas, em comparação com as situações investigativas comuns, esse relacionamento é um relacionamento real: alguém está falando e o outro está realmente ouvindo e tentando entendê-lo e ajudá-lo a entender a si mesmo⁴⁸ ».

E é assim que, com muita naturalidade, Bourdieu recorria aos membros da sua equipe, para que estes mobilizassem os seus conhecimentos e redes. Por exemplo, no que diz respeito às questões de imigração, que na época alimentaram uma série de debates políticos particularmente acalorados devido, em especial, à ascensão da extrema-direita na França, ele chamou Abdelmalek Sayad, seu amigo de longa data que conhecera durante seus primeiros trabalhos de campo na Argélia e com o qual, além disso, co-assinará um livro⁴⁹. Mas também Michel Pialoux e Stéphane Beaud por seus trabalhos sobre as mudanças na classe trabalhadora, sabendo que o primeiro já havia publicado com Christian Corouge nas *Actes* em meados dos anos 1980, quatro artigos mobilizando longos trechos de entrevistas realizadas com trabalhadores da Peugeot⁵⁰. Assim como Rémi Lenoir, cuja esposa é advogada e que mobiliza em seu trabalho os agentes da lei (policiais, magistrados), porque na ocasião acabara de realizar uma pesquisa utilizando questionários em suas escolas de formação; Patrick Champagne para o mundo camponês e funcionamento da mídia e do campo político. Mas também

Loïc Wacquant e Philippe Bourgois por seus trabalhos acerca da pobreza nos Estados Unidos, em particular para comparar com o que observamos nos subúrbios operários franceses. E esse respaldo às pesquisas em andamento, ou já realizadas, explica algumas entrevistas são particularmente semelhantes a “entrevistas de fim de pesquisa”, pois na maioria das vezes, trata-se de entrevistas densas⁵¹.

Mas graças a essa investigação, Bourdieu, como alguns de seus colaboradores, também volta a investigações anteriores, reexaminando a situação de certas entrevistas. Assim, durante a reunião preparatória de finais de Junho de 1990, Rémi Lenoir evoca estes « desconfortos privados que recolhemos de forma dolorosa (pública-se ou não, é imprevisível, corresponde ao «inesperado» das investigações, há passagens onde muitas vezes os dados apontam para outra direção, diferente do objeto inicial de investigação). E continua Pierre Bourdieu: “São os resíduos das pesquisas, o que não sabemos o que fazer, o que não foi previsto pelos questionários, a miséria do mundo. Todas essas coisas que inconscientemente descartamos é aquilo que a nossa investigação deve recuperar⁵²».

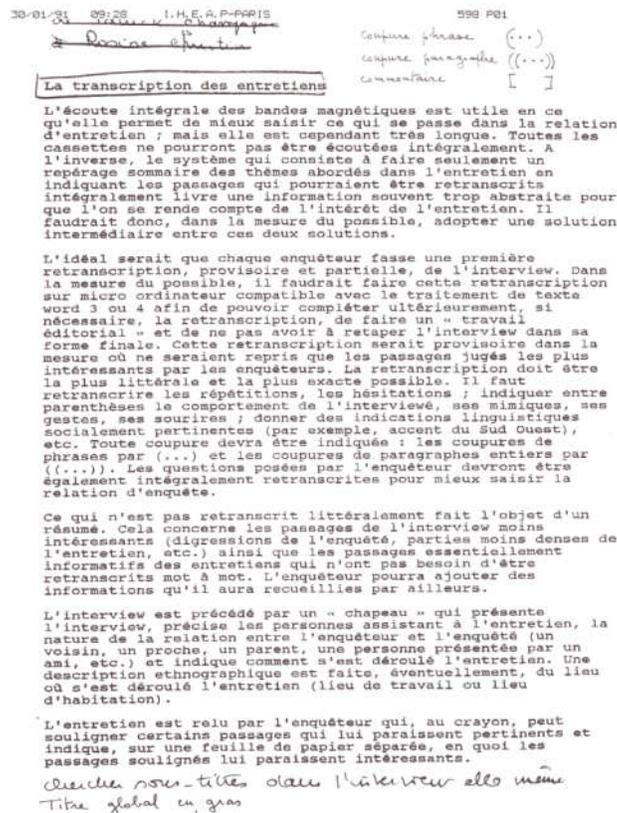
A fim de diversificar o leque de entrevistados e cobrir todo o mundo social, Bourdieu também decidiu ampliar o número de entrevistadores, solicitando às pessoas o modelo de pesquisa de W. Labov sobre a língua falada nos guetos negros dos Estados Unidos, ou seja, « investigadores ocasionais », por exemplo, « rmistes »*** treinados para a ocasião e com maior probabilidade de acessar certas populações, ou alguém amigo da família (Denis Podalydes, por exemplo, um « ator, amigo da família, que entrevista uma atriz); um *normalien* (seu filho Laurent Bourdieu) para entrevistar outro *normalien*, etc. Assim, e como já havia feito para a investigação no Béarn, Bourdieu não hesitou em “colocar seus parentes a bordo”, o que conferiu a esse empreendimento um caráter familiar. Mas também lança convites para depoimentos durante conferências e são realizadas entrevistas com pessoas que espontaneamente oferecem seus testemunhos. Por último, solicita-se aos doutorandos do Centro de sociologia européia, ainda que esta pesquisa se destine a « sociólogos experientes » e à gestão de grandes equipes, incluindo nomeadamente alunos mais críticos, capazes de colocar problemas que vão desde a origem da pesquisa à relutância em falar sobre a nossa participação nela.

Assim, em 26 de outubro de 1990, Patrick Champagne que, juntamente com Gabrielle Balazs, compõe uma espécie de coordenação bastante visível para nós da “pesquisa sobre o mal-estar social”, convida nosso coletivo informal de doutorandos para uma primeira reunião para solicitar nossa participação na pesquisa⁵³. Entretanto, os pesquisadores deixam claro desde o início que esta não será a « nossa investigação, mas que se espera um certo « rendimento », « eficiência » e, portanto, « resultados » para uma pesquisa já em andamento e que « entrevistas ruins não serão aceitas »⁵⁴. E, portanto, isso não deve ser tomado como « ação pedagógica », mesmo que sejam distribuídas instruções relativas à apresentação preliminar dos futuros entrevistados, tais como os métodos de transcrição das entrevistas. Da mesma forma, durante a reunião de 15 de novembro de 1990, Bourdieu destaca que não se trata de “treinamento”, mas “de uma entrada inicial ». Ele então nos convida a fazer duas/três entrevistas no Natal. E pronunciando uma injunção que se poderia qualificar de performativa, na medida em

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

que contribui (com mais ou menos sucesso, dado que nem todos vão publicar) para que atuemos como se cada um fosse « um autor ».

Legenda: Informações relativas à transcrição das entrevistas publicadas em janeiro de 1991.



Fonte: Arquivos pessoais de Charles Soulié

Esta oferta desperta um verdadeiro entusiasmo no nosso grupo de doutorandos. Na verdade, é uma oportunidade maravilhosa de entrar ainda mais no espírito da oficina do sociólogo, de poder ser iniciado trabalhando com Bourdieu e os membros de sua equipe e talvez também de publicar. Na ocasião, tive a impressão de que coisas sérias estavam realmente acontecendo e avaliei todo o interesse existente em participar dessa pesquisa, fazendo parte de um grupo de pares.

Assim, muito rapidamente, colocamos as questões que nem sempre nos atrevemos a explicitar durante as reuniões, nomeadamente pela existência de alguns constrangimentos, tanto estatutários quanto hierárquicos: a quem questionar, como? O que é uma « boa entrevista », como analisá-las? Mas também como distinguir o mal-estar “psicológico” do mal-estar “sociológico” e como lidar com as racionalizações,

discursos de fachada que suspeitamos muitas vezes encobrir?⁵⁵ Esta última questão é um tanto quanto problemática e que contradiz o cânone metodológico comum. Para encontrar entrevistados, todos são convidados a entrevistar pessoas que conhecem, ou mesmo parentes, com quem não temos que criar uma relação de confiança. Isso então facilita a entrada em uma “lógica da confiança” e facilita a expressão dos desconfortos mais íntimos, mesmo que isso nem sempre favorece o distanciamento e, portanto, o trabalho de análise. Mas isso incomoda alguns que não querem « explorar » o desconforto de seus entes queridos.

Todos mobilizam então as suas redes e notamos, por exemplo que, tal como os mais velhos, os doutorandos privilegiam os entrevistados da sua área, o que lhes permite inscrever mais facilmente o seu “mal-estar” na estrutura do universo considerado⁵⁶. Enquanto outros aproveitam as oportunidades que lhes são oferecidas entrevistando, por exemplo, amigos de infância, amigos de amigos ou familiares, colegas, vizinhos ou até mesmo um casal de sem-teto numa rua do seu bairro. De minha parte, a minha entrevistada é indicada por meio de uma estudante de doutorado em ciência política, que fazia uma pesquisa sobre a crise do mundo camponês, seguindo o curso de Pierre Bourdieu no *Collège de France* e que, portanto, não foi realmente encontrada por acaso. A entrevistada viria a ser sua irmã, professora, que dizia estar vivendo um estado de « mal-estar social ».

DE UMA GERAÇÃO A OUTRA

Ao final, a « pesquisa sobre o mal-estar social » resultou na produção de 182 entrevistas transcritas e inicialmente arquivadas⁵⁷. Das 182, um pouco mais de 54 (algumas delas por vezes duplicadas, completadas, articuladas com outras entrevistas) são utilizadas em *A Miséria do Mundo*, ou seja, menos de um terço sublinhando a natureza particularmente drástica da seleção realizada⁵⁸. A produção, avaliação e depois o processamento editorial de um *corpus* tão grande requer a mobilização de toda uma equipe, formando um “coletivo hierárquico”⁵⁹. Com praticamente uma série de pesquisadores que não necessariamente se conhecem e que, além disso, nunca estarão todos juntos, os diferentes grupos de investigadores, extremamente isolados uns dos outros, um núcleo de supervisores (na maioria das vezes voluntários) em torno de Pierre Bourdieu e, finalmente, do próprio Bourdieu ocupando o cargo indiscutível de « diretor científico ».

Entrevistadores, mas também autores

A equipe mobilizada em torno do obra *A Miséria do mundo* forma um coletivo hierárquico, mas onde todos continuam sendo autores de suas entrevistas. Assim, nesta obra, os colaboradores de Pierre Bourdieu, mesmo que suas contribuições difiram tanto em seu tipo (alguns publicam entrevistas e « textos teóricos », enquanto outros apenas fazem entrevistas), quanto em seu volume (alguns publicam várias entrevistas, « textos teóricos », outros apenas um), são bem visíveis e provavelmente mais do que nos seus trabalhos anteriores, nomeadamente a partir de grandes pesquisas por questionários, as

quais mobilizam um conjunto de estudantes para as operações de transcrição, apreensão, etc., nem sempre remunerados⁶⁰. Por exemplo, a lista dos 22 colaboradores finalmente selecionados, aparece na capa interna do livro, como também no “índice de autores”.

Esta visibilidade acrescida sublinha o carácter coletivo desta empreitada e remete também à ideia de que cada entrevista é concebida como um trabalho resultante de uma singular co-construção, fruto do encontro (na maioria das vezes feliz, até « extraordinário ») de dois *habitus*. Reencontro que um número grande de adaptações teatrais da *A Miséria do mundo* tenderão a elidir a figura do entrevistador, fazendo-o desaparecer⁶¹. E que também levou Bourdieu a escrever um « memorando » em atenção as companhias que desejavam encenar esses textos, pedindo-lhes em particular que integrassem o máximo possível com elementos « cardeais », ou seja, textos que apresentassem e oferecessem chaves de leitura para cada entrevista. O que também especifica que « a unidade elementar do livro não é a entrevista, mas o conjunto das entrevistas⁶² ».

Legenda: Apresentação do *Le jour et la nuit*, uma adaptação teatral do livro *La Misère du monde* dirigida por Didier Bezace.



Fonte: Arquivos pessoais de Charles Soulié.

Além de gerenciar os entrevistadores, a equipe de supervisão realiza a maioria das entrevistas que foram finalmente publicadas como textos teóricos. Por exemplo, Bourdieu, que escreve a maior parte dos textos teóricos e, sem dúvida também propõe o plano final do livro, está na origem de cinco entrevistas publicadas e realiza três delas em colaboração⁶³. Por seu turno, Gabrielle Balazs publica cinco entrevistas sozinha e seis em colaboração, fato que a torna a colaboradora mais importante e a mais produtiva em termos de entrevistas, sabendo que na equipe ela é também diretamente responsável por investigar em áreas do espaço social não abrangidas pelos outros pesquisadores. E que em dezembro de 1991, ela também coordenou uma edição dos *Actes de la recherche en sciences sociales* (n° 90) intitulada “sofrimento”, apresentando algumas das primeiras entrevistas realizadas⁶⁴.

A equipe de supervisão não só realiza uma série de entrevistas que lhe permitem refletir coletivamente sobre a sua prática, como também deve cuidar das

entrevistas dos outros, aconselhando os investigadores, avaliando as entrevistas, como também ajudando na redação, ou mesmo na « reescrita mais ou menos elaborada » das « entrevistas chave ». Pierre Bourdieu faz questão de evitar qualquer efeito de « finalização » e, portanto, assim garantir que cada entrevistado possa reler sua entrevista (nos arquivos, as cartas atestam essa revisão). Da mesma forma, ele deseja que esses textos devem « tocar as pessoas », uma vez que os compara a parábolas bíblicas, já que reúnem « o sensível e o inteligível ». Pode-se dizer que boa parte do sucesso editorial (e teatral) desta obra que podemos dizer que é sem dúvida uma das mais difundidas de Bourdieu, possibilita compreender as palavras dos entrevistados sem mobilizar « conceitos pesados », difíceis de serem compreendidos. Por fim, Bourdieu quer que esses textos sejam bem escritos, até mesmo com uma certa qualidade literária, sendo o modelo de Flaubert frequentemente mencionado⁶⁵. E, por exemplo, a equipe oferece muitos títulos de inspiração meio literária, meio conceitual para cada entrevista, algumas das quais às vezes são objeto de dez propostas diferentes. Este trabalho provoca, então, um número considerável de idas e vindas em torno de cada contribuição, que deve ser frequentemente lida (e relida) por várias pessoas, às vezes emitindo opiniões contraditórias, bem como pelo próprio Bourdieu, no final da cadeia editorial, juntamente com a leitura final de Olivier Bétourné, diretor da coleção *Seuil*.

A Miséria do Mundo **Um fenômeno editorial excepcional**

Em suas memórias, Olivier Bétourné, historiador de formação, cuja esposa (Elisabeth Roudinesco) é historiadora da psicanálise, conta como em 14 de janeiro de 1992 e no âmbito de um encontro improvisado ocorrido no *Deux-Magots* (um café existencialista e chique no bairro de Saint Germain-des-Près) Bourdieu apresenta-lhe (e vende-lhe) esta obra *a priori* invendável: « Será grande, explicou-me ele, talvez mil páginas, composta em coluna dupla (traduzi mentalmente: algo como 4 milhões de caracteres), cerca de 80 artigos, cerca de vinte colaboradores. Com um modelo especial que a equipe da *Actes* poderia fazer. E eu gostaria que meu nome fosse o menor possível... ».

Um livro coletivo de 4 milhões de caracteres composto em coluna dupla é o próprio tipo de projeto que deve ser banido da publicação, dizem todos os especialistas. « E você vai ver, você vai vender 80.000 cópias, aposto », acrescentou com um olhar malicioso. Abri um sorriso desafiador⁶⁶.

Em sua edição francesa, *A Miséria do mundo* também dá origem a um tremendo trabalho de diagramação, tipografia etc., incomum no mundo da produção científica e do mercado editorial, ainda mais quando se trata de tal assunto. E se beneficia de uma capa suntuosa produzida gratuitamente pela associação *Ne Pas Plier*, liderada por Gérard Paris-Clavel, ex-funcionário da Grapus. Porque, como explica este último: « Ao signo da pobreza não se deve acrescentar a pobreza dos signos, à exclusão das línguas, as linguagens da exclusão, à miséria das ferramentas, as ferramentas da miséria⁶⁷ ».

Tudo isso não é isento de tensão. Assim, durante o seminário final com os alunos em 9 de abril de 1992, dedicado à investigação sobre a miséria social, Bourdieu reclamou, por exemplo, o fato que: « Se eu der meu veredicto, ele será aceito. Se for um dos meus subordinados, isso é um problema. E destaca: « Não é fácil gerir um grupo de pessoas. Se dissermos tudo, isso cria um drama. Se não dissermos tudo, também causa outro drama ». Da mesma forma, durante o seminário de 13 de fevereiro de 1992, ele destacou que « o mal-estar social deixou muitas pessoas para trás », que pretende escrever sobre isso, que os fracassos « o fazem pensar ». « E, ciente dos limites do que pode dizer a todos, acrescenta um pouco aborrecido: « É útil para mim, mas e para os outros » ?

A avaliação das obras, portanto, coloca um problema. Sem dúvida porque dá origem a um juízo que se poderia qualificar de total e, portanto, particularmente difícil de explicar. Porque esse julgamento já incide sobre o interesse intrínseco de cada entrevista, bem como sobre os recursos teóricos e estilísticos (o estilo muitas vezes sintetizando toda uma epistemologia) mobilizados na redação do *corpus* de entrevistas⁶⁸. Mas também nas indissociáveis disposições sociais, científicas, éticas e, em última análise, afetivas, mobilizadas para co-construí-las com o entrevistado e que sintetizam em particular na ideia da entrevista sociológica como « exercício espiritual⁶⁹ ». Um exercício que « sem pretender anular a distância social entre o entrevistador e o entrevistado », mas desenvolvendo uma espécie de « amor intelectual », de inspiração espinozista, que permite ao investigador pensar no lugar do outro e assim compreendê-lo realmente, exigindo sociologicamente seu propósito⁷⁰.

A questão do papel do afeto, da *philia* e, sem dúvida, também da compaixão, que me parece ter desempenhado um papel importante nesta investigação, cujo objetivo ético e político também é extremamente forte, sempre ocupou Bourdieu. Assim, quando ainda se considerava um filósofo, iniciara uma tese com Georges Canguilhem sobre « As estruturas temporais da vida afetiva », uma forma para ele sem dúvida de estudar esta questão da forma mais objetiva possível. Da mesma forma, o leitor de sua última obra autobiográfica não pode deixar de ficar impressionado com o tom muitas vezes muito emocional de seus comentários⁷¹. Um pouco como se no final de sua carreira, Bourdieu finalmente se permitisse baixar a guarda e assim transgredir ao dar cada vez mais importância a essa dimensão mais ou menos reprimida por sua exigência inicial de cientificidade⁷².

Deparamo-nos, então, com a questão da escolha, da formação e, mais genericamente, do modo de produção dos doutorandos e, portanto, dos futuros sociólogos, temas que estão no cerne deste testemunho e que obviamente evoluíram ao longo do tempo. Assim, durante as grandes pesquisas coletivas dos anos 1960 e 1970, enquanto outros sociólogos refundaram a sociologia francesa, Bourdieu, como aponta Yves Winkin, foi também um formidável « treinador científico » capaz, com seu carisma específico e seus dons de empreendedor científico, de mobilizar à sua volta toda uma equipe de pesquisadores, para praticar uma forma de “envolvimento contínuo” onde, « o mestre nada com os alunos », reescreve os seus trabalhos, etc., e transmite-lhes, como que por osmose, a profissão de sociólogo, no seio de uma sociabilidade forjada em uma espécie de oficina, como acima referido. Mas este não é mais o caso de Bourdieu do início dos anos de 1990, sobrecarregado de responsabilidades, super solicitado (assim, durante o seminário de 13 de fevereiro de 1992, ele declarou, por

exemplo: « Tenho uma centena de pesquisas na minha cabeça! »), autor de uma obra impressionante (e por isso ainda mais intimidadora e avassaladora para recém-chegados como nós ao terreno científico) e que, apesar do seu crescente empenho político, quer continuar a produzir, devendo imperativamente defender mais tempo, cada vez mais raro e, por isso, precioso⁷³. Deve delegar a colaboradores e, mais particularmente, a colaboradores dedicados a quem pede muito « sobretrabalho », mas sem poder retribuir, como ele se refere em seu discurso de entrega da medalha de ouro do CNRS, em termos de carreira⁷⁴.

Legenda : Marie-Christine Rivière, a secretária de Bourdieu. Fotografia tirada por ocasião de um Colóquio no início dos anos 2000.



Fonte: Arquivos pessoais de Charles Soulié

A pesquisa sobre a miséria social, que pode ser considerada sem dúvida uma das últimas grandes pesquisas de campo coletivas lideradas por Pierre Bourdieu, que nesta ocasião claramente voltou com entusiasmo ao trabalho de campo, portanto, mais uma vez coloca a questão da escolha, bem como do treinamento de doutorandos, trabalho em equipe, etc. E, sem dúvida, para entender melhor suas especificidades, seria necessário compará-la sistematicamente às pesquisas anteriores, sabendo que, entretanto, o contexto social e acadêmico mudou muito.

Assim, uma comparação do perfil das diferentes gerações de doutorandos do Centro de sociologia européia seria certamente muito interessante. Com efeito, parece-nos que o desenvolvimento do diploma das ciências sociais, assim como da formação em investigação em ciências sociais no início dos anos 1990, nas *Écoles Normales Supérieures*, contribui para modificar este recrutamento, para não falar da multiplicação dos sistemas de financiamento de teses, pós-doutorados desde o final da década de 1980⁷⁵. De igual modo e, graças à segunda massificação das Universidades, assiste-se a uma transformação do recrutamento social e acadêmico dos estudantes de sociologia, bem como de uma crescente burocratização do ensino da formação dos mestrados e doutoramentos, amplificada com a reforma do LMD de 2005. Observa-se também o número de cursos aumentando muito e os cursos de metodologia se multiplicando nas Universidades. E estas mudanças estruturais inserem-se, sem dúvida, no processo de normalização/profissionalização da formação sociológica, em particular após o

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

efervescente período dos anos 1960/70, em que figuras carismáticas à frente de escolas concorrentes disputavam o advento de uma forma de fazer sociologia, integrando de maneira rotinizada a herança herética dos fundadores.

Artigo recebido em: 30/04/2023
Aprovado para publicação em: 17/08/2023

THE MISERY OF THE WORLD: TESTIMONY OF A STUDENT INVESTIGATOR

ABSTRACT: This article describes the way in which, as an apprentice sociologist in training, I experienced the collective inquiry ending with the publication of *La Misère du monde*. After a description of my academic trajectory and my gradual entry into "the Bourdieu house", I report, based on the archives, the initial project of this investigation and the methodological inflections to which it gives rise and leading in particular to the idea of the sociological interview as a "spiritual exercise". Then I describe its implementation and conclude by talking about the division of labor within the "hierarchical collective" that surrounded Bourdieu. In order to contribute to the social history of the social sciences, I have tried to sociologize this testimony as much as possible by placing it in the social and historical context of the time.

KEYWORDS: Academic Background. Bourdieusian Sociology. Social History of Social Sciences.

LA MISERIA DEL MUNDO: TESTIMONIO DE UN ESTUDIANTE INVESTIGADOR

RESUMEN: Este artículo describe la forma en que, como aprendiz de sociólogo en formación, experimenté la investigación colectiva que terminó con la publicación de *La Misère du monde*. Tras una descripción de mi trayectoria académica y mi paulatina entrada en "la casa Bourdieu", relato, a partir de los archivos, el proyecto inicial de esta investigación y las inflexiones metodológicas a las que da lugar y que desembocan en particular en la idea de La entrevista sociológica como "ejercicio espiritual". Luego describo su implementación y concluyo hablando de la división del trabajo dentro del "colectivo jerárquico" que rodeaba a Bourdieu. Para contribuir a la historia social de las ciencias sociales, he tratado de sociologizar este testimonio en la medida de lo posible situándolo en el contexto social e histórico de la época.

PALABRAS CLAVE: Trayectoria Académica. Sociología Bourdieusiana. Historia Social de las Ciencias Sociales.

LA MISERE DU MONDE: TEMOIGNAGE D'UN ENQUETEUR ETUDIANT

RESUMÉ: Cet article décrit la manière dont, apprenti sociologue en formation, j'ai vécu l'enquête collective se concluant par la publication de *La Misère du monde*. Après un descriptif de ma

trajectoire académique et de mon entrée progressive dans « la maison Bourdieu », je rapporte en me fondant sur les archives le projet initial de cette enquête et les inflexions méthodologiques auquel il donne lieu et aboutissant notamment à l'idée de l'entretien sociologique comme « exercice spirituel ». Puis je décris sa mise en place et conclus en parlant de la division du travail au sein du « collectif hiérarchisé » qui entourait Bourdieu. Afin de contribuer à l'histoire sociale des sciences sociales, j'ai essayé de sociologiser au maximum ce témoignage en le replaçant dans le contexte social et historique de l'époque.

MOTS CLES : Parcours Académique; Sociologie Bourdieusienne; Histoire Sociale des Sciences Sociales.

NOTA DA TRADUTORA:

*« mingau para gatos » é a tradução de « la bouillie pour chats », que quer dizer um trabalho mal feito, incompreensível, mal escrito.

** « pieds noirs » é uma expressão utilizada para designar os cidadãos franceses ou outros de origem europeia, que viveram no Norte da África até o fim do domínio colonial francês e que depois regressam à França.

*** « rmistes » designa as pessoas beneficiárias do R.M.I (revenu minimum d'insertion).

NOTAS E REFERÊNCIAS

1 - Agradeço a Christian Baudelot, Jean-Pierre Faguer, Sandrine Garcia, Mihai Gheorghiu e Anne-Marie Waser por seus testemunhos: assim como a Gabrielle Balazs, Jérôme Bourdieu, Christophe Charle, Julien Duval e Oliver Nette por suas leituras de versões anteriores deste artigo.

2 - « La cause de la science », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 106-107, mars 1995, p. 3.

3 - Até o momento, eu não pude consultar a correspondência de Bourdieu depositada nos *Arquivos* Pierre Bourdieu.

4 - Pierre Bourdieu, « L'objectivation participante », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 150, 2003.

5 - Para um modelo do gênero dedicado ao período fundador: Julien Duval, Johan Heilbron e Pernelle Issenhuth, *Pierre Bourdieu et l'art de l'invention scientifique, Enquêter au Centre de sociologie européenne (1959-1969)*, Classiques Garnier, 2022. No que diz respeito à *A Miséria do mundo*, ver o artigo de Patrick Champagne e Gisèle Sapiro (dir.), *Dictionnaire international Bourdieu* edições CNRS, 2020. Para uma crítica contemporânea da metodologia adotada neste trabalho: Nonna Mayer, "L'entretien après Pierre Bourdieu. Analyse critique de *La Misère du monde*", *Revue Française de sociologie*, 1995, 36-2. Por fim, e para comparação com pesquisas etnográficas sobre a "miséria" realizadas nos Estados Unidos: Loïc Wacquant, *Misère de l'ethnographie de la misère*, Raisons d'agir, 2023.

6 - Cf. Pierre Bourdieu, *Sociologie générale*, cours au Collège de France 1983-1986, volume 2, 2016.

7 - Cf. Jacques Bouveresse, *Le Philosophe chez les autophages*, Minuit, 1984, p. 182.

8 - Cf. *L'Idéologie allemande*, Éditions sociales, 1982, p. 83.

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

9 - Na França, uma das peculiaridades da sociologia é que no segundo e terceiro ciclo ela atrai muitos estudantes vindos de outras áreas. Tais estudantes, por sua vez, participam cada vez mais dessa disciplina, importando suas preocupações de origem. Cf. Gérard Mauger e Charles Soulié, « Le recrutement des étudiants en lettres et sciences humaines et leurs objets de recherches », *Regards Sociologiques*, n° 22, 2001, p. 28.

10 - Citado por Marc Bloch na *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, Armand Colin, 1997, p. 40.

11 - Concernente a essa crise que desempenha um papel decisivo na minha passagem da filosofia à sociologia e me leva a criar (como amador) o meu primeiro questionário: Cf. Charles Soulié, « L'enseignement de la philosophie à l'université: une pratique sous contrainte structurale. La crise de 1986 à l'U.F.R de philosophie de Paris I », *Les Cahiers du GERME*, n°22-23-24, 4^{ème} trimestre 2002.

12 - Para poder dedicar tempo suficiente à sua pesquisa, Bourdieu evitava matricular muitos alunos de doutorado e os escolhia com cuidado. O estudo da lista de seus 43 orientandos, dentre os quais, ao que sabemos, há apenas dois ex-alunos da *École Normale Supérieure da rue d'Ulm* e um da *Fontenay Saint-Cloud*, permite distinguir três períodos. O primeiro vai de 1968 a 1982, ano de seu ingresso no *Collège de France*, reúne mais de dois terços das teses defendidas. Desde então, Bourdieu parou de receber novos inscritos, lembrando que a (dolorosa) ruptura com Luc Boltanski e sua equipe aconteceu em meados dos anos 1980, começando a se retomar no final dos anos 1980. Essas variações influenciam notavelmente a composição de seus seminários, sua dinâmica, etc. A título de comparação, nota-se que Michel Foucault, com quem por vezes Bourdieu é comparado em seus seminários, teve apenas um aluno que defendeu uma tese (em 1976) e Gilles Deleuze, treze alunos. Cf. Agence bibliographique de l'enseignement supérieur, *Cdrom Docthèses*, 1998.

13 - Cf. *La fabrique des philosophes ou des usages sociaux de l'U.F.R de philosophie de Paris I*. O júri foi composto por Christian Baudelot, Pierre Bourdieu, Christophe Charle, Jean-Claude Combessie et Françoise Dastur. Um estudo desses júris seria muito esclarecedor para descrever a rede acadêmica com a qual Bourdieu convivia. Para um estudo deste tipo: Olivier Godechot, Nicolas Mariot, « Les deux formes du capital social. Structure relationnelle des jurys de thèse et recrutement en science politique », *Revue française de sociologie*, 45-2, 2004.

14 - Dentre eles incluem-se, mas a lista não é exaustiva: Sandrine Garcia, Bernard Lehmann, Philippe Mary, Hughes Ollivier, Grazia Scarfo e Anne-Marie Waser. Esta última de origem alsaciana, professora de educação física e desporto no ensino secundário e que em 1991 defendeu um doutoramento dedicado à prática do tênis era a mais velha das inscritas em tese com Bourdieu; ela possui um papel central na constituição deste informal grupo no qual também participam de tempos em tempos: Patrick Bruneteaux, Jean-Christophe Donteveux, Bertrand Geay, Niilo Kauppi, Boubacar Niane, Patrick Trabal, além de estudantes franceses e estrangeiros de passagem.

15 - Lembremos que é em *Le Métier de Sociologue*, que surge em plena onda estruturalista e cientificista, Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron não hesitam em escrever que: “É talvez a maldição das ciências do homem ter que lidar com um objeto que fala” (Mouton/Bordas, 1968, p. 64). Para uma perspectiva histórica deste momento epistemológico: Charles Soulié, « De l'étude des mots à l'étude des choses », in Christophe Charle, Laurent Jeanpierre (dir.), *La Vie intellectuelle en France, II: De 1914 à nos jours*, Seuil, 2016.

16 - Depois, participei dos seminários de Pierre Bourdieu, Monique de Saint-Martin, Louis Pinto, Gérard Mauger e Jean-Claude Combessie. Assinala-se que durante certos anos letivos, Bourdieu oferece uma lista de seminários para seguir na *École* ou em outro lugar.

17 - Em seguida, encontramos semelhanças com os métodos de aprendizagem autodidata da sociologia das primeiras gerações de sociólogos dos anos 1960/70 descritos por Christophe Charle: « Pode parecer banal agora, mas o que é específico é que os sociólogos em questão aprenderam muito no trabalho. Alguns foram recrutados assim que saíram da Universidade ou ainda em fase de estudo, como os alunos que participaram da entrega de questionários na universidade ou em museus. A transmissão pelos mais experientes e parcialmente autodidatas ou

investigadores recentes) constituía um elemento essencial do dispositivo, daí o recurso constante às metáforas da profissão e do ofício (tipo mestre e artesão) na auto-representação dos investigadores, contrariando a visão tayloriana que prevalecia ao mesmo tempo nos laboratórios de ciências experimentais das universidades ou do CNRS e fora importada da sociologia americana segundo a tradição de Lazarsfeld. » Cf. « L'inconscient c'est l'histoire » (P. Bourdieu), *L'histoire des sociologues comme sociologie critique*, *Zilsel*, n°11, novembre 2022, p. 410.

18 - Para poder responder a concursos públicos, alguns de nós criamos em abril de 1992 uma associação denominada Pesquisa e Sociedade, com sede em Anne-Marie Waser.

19 - Para um exemplo de « anti-bourdieuismo » primário então prevalecente em certas áreas do mundo acadêmico: Jeanine Verdès-Leroux, *Le Savant et la politique : essai sur le terrorisme sociologique de Pierre Bourdieu*, Grasset, 1998. Mais on peut aussi lire l'article plus tardif de Didier Lapeyronnie: « L'académisme radical ou le monologue sociologique. Avec qui parlent les sociologues ? », *Revue française de sociologie*, 2004/4, vol. 45.

20 - Cf. « Discurso de recebimento da medalha de ouro do CNRS », *Regards sociologiques*, n° 47/48, 2018, p. 10. Neste mesmo número, Loïc Wacquant publica um artigo sobre esta cerimônia: « Bourdieu 1993 : une étude de cas sur la consécration scientifique ».

21 - Parece-me que esse estigma é duplicado no caso de doutores estrangeiros, que trabalham sobre assuntos também “estrangeiros” (muitas vezes no seu país de origem), que raramente publicam a sua tese na França e valorizam o seu diploma francês no seu país. Sobre a baixíssima proporção de doutores estrangeiros recrutados pelas Universidades francesas e, de forma mais geral, seu galicismo intelectual: Charles Soulié, « Des déterminants sociaux des pratiques scientifiques en sciences sociales: étude des sujets de recherches des docteurs en sciences sociales en France au début des années 1990 », *Regards sociologiques*, n°31, juin 2006.

22 - Cf. Pierre Bourdieu, « A dominação », in Ione Ribeiro Valle et Charles Soulié (Orgs), *Pierre Bourdieu, uma sociologia ambiciosa da educação*, editora UFSC, 2019.

23 - Ver Brice Le Gall e Charles Soulié, « Note démographique. Sociologie et philosophie, étude comparée de leurs évolutions sociodémographiques », *Regards sociologiques*, n° 36, 2008, p. 44.

24 - Deve-se dizer também que, devido à altíssima concentração de pesquisas e dos “grandes nomes” da disciplina na região parisiense, a maioria das teses de sociologia são defendidas nesta região. Uma região que atrai as pessoas do interior com vocação para a sociologia, enquanto a maioria das vagas para professores-pesquisadores está no interior, tendo a sociologia uma proporção maior de alunos do 1º ciclo do que as disciplinas tradicionais de humanas (filosofia, letras, história etc.). Este dualismo estrutural centralizado, visível em muitos outros países, alimenta as acusações de “localismo” que, aliás, também se aplicam às universidades da capital, que geralmente recrutam primeiro os seus próprios doutores.

25 - Realizamos entrevistas com Philippe Cibois, Jean-Paul Géhin, Bertrand Mary, Paul Rendu et Bernard Woehl.

26 - A Caixa de depósitos e consignações é uma instituição financeira pública francesa criada em 1816, responsável por atividades de interesse geral em nome do Estado e das autoridades locais, bem como atividades competitivas. Na época, era chefiado por Robert Lion, um *enarque* (egresso da Escola Nacional de Administração), ex-chefe de gabinete do primeiro-ministro Pierre Mauroy em 1981/82, durante o período de reforma do primeiro mandato de sete anos de François Mitterrand. A Caixa é também uma das patrocinadoras institucionais da pesquisa histórica e do *Liber*, a revista literária internacional então dirigida por Pierre Bourdieu. Gostaria de agradecer a Christophe Charle por esses esclarecimentos, destacando o apoio deste banco estadual à pesquisa em ciências sociais.

27 - Arquivos do Centre de sociologia européia, 119 EHE, caixa n° 418. “Nota da reunião no final de junho de 1990 sobre o projeto de pesquisa “Mal-estar social”, p. 2.

28 - Arquivos Pierre Bourdieu, « Enquête Misère du monde », 3.3.9.1.1, 1 ARCH 594.

SOULIE, C., CUNHA, M. A. de A.

29 - « Nota de campo da reunião em fim de junho 1999... », *ibid*, p. 5.

30 - *Ibid*, p. 1.

31 - *Ibid*, p. 5 et 6.

32 - Recordemos que foi em Dezembro de 1989 e num contexto de polémica em torno do acolhimento de estrangeiros na França que Michel Rocard pronunciou esta frase que se tornou memorável segundo a qual “a França não pode acomodar toda a miséria do mundo”.

33 - « Pesquisa mal-estar social (novembre 1990) », p. 5. Archives du CSE, 199 EHE, carton 418.

34 - Intervenção de Pierre Bourdieu no colóquio do 25 octobre 1990 de la Caisse des dépôts, p. 3. Archives du CSE, 199 EHE, carton 418.

35 - Cf. Jacques Maître, *L'autobiographie d'un paranoïaque. L'abbé Berry (1878-1947) et le roman de Billy. Introibos*. Economica, 1994, p. XVIII.

36 - Sobre a evolução dos métodos como sujeitos de intervenção política de Pierre Bourdieu, recordemos que em 1985 ele havia contribuído para um relatório dos professores do *Collège de France* intitulado *Propositions pour l'enseignement de l'avenir* e submetido ao presidente da República da época (François Mitterrand). Então, em 1989, ele escreveu com François Gros um relatório intitulado *Principes pour une réflexion sur les contenus d'enseignement*. O que levaria a uma reforma dos currículos do ensino secundário. Mas esses relatórios centrados em um assunto (o sistema escolar) que ele conhecia particularmente bem terão muito pouco efeito político, o que o afetará muito. Sobre o engajamento de Pierre Bourdieu no movimento social de dezembro de 1995 e a fratura do mundo intelectual que ele reativa, ver o trabalho de doutorandos do Centro de sociologia europeia de uma geração um pouco posterior à nossa: Julien Duval, Christophe Gaubert, Frédéric Lebaron, Dominique Marchetti e Fabienne Pavis, *Le «décembre» des intellectuels français*, Raisons d'agir, 1998. Devido à perda de crédito científico que isso poderia causar, o compromisso político é cada vez mais visível para Pierre Bourdieu e que o levará, por exemplo, a assinar um número crescente de petições que não deixará de lhe causar problemas.

37 - « Notas de campo, fim de junho de 1990... », *ibid*, p. 4.

38 - Cf. “Les déshérités de Bourdieu”, entrevista de Pierre Bourdieu com Robert Maggiori et Jean-Baptiste Maronghiu, *Libération*, 11 février 1993, p. 21.

39 - « Note de la réunion fin juin 1990... », *ibid*, p. 3.

40 - Cf. Relatório de pesquisa de de 27 de junho de 1991 à Caisse des dépôts. *Premier bilan de l'enquête sur le « malaise social »*, p. 10. Arquivos Pierre Bourdieu, 1 ARCH 657. Neste relatório, Bourdieu também explica que durante esta investigação fez uma descoberta corrigindo Max Weber e segundo a qual a burocracia só pode funcionar se suas regras forem quebradas. Caso contrário, fica exposta à “paralisia”. De onde surge a necessidade de “atores heróicos”, proposição que ele de imediato corrige ao acrescentar: “mas não se pode fundar a ordem no heroísmo” (p. 12). Lendo estas linhas, não se pode deixar de pensar no retrato que Bourdieu, mais tarde, traçaria de seu pai (um funcionário rebaixado dos correios que toda a sua vida ajudar os outros - e em particular os mais pobres - em seus procedimentos administrativos) em seu *Esquisse pour une auto-analyse* (Razões para Agir, 2004, p. 109 e segs.). Daí, sem dúvida, também a expressão « formulaire revolver » às vezes usada durante a pesquisa sobre *A Miséria do Mundo* para sublinhar a natureza particularmente violenta do preenchimento de formulários administrativos para as populações mais desfavorecidas na escola.

41 - No relatório de campo de 27 de junho de 1991, Bourdieu aponta com entusiasmo: “Depois de algumas entrevistas, tive a impressão de ser como um curador. Ibidem, pág. 5. O diálogo socrático que mais particularmente o inspira é o de *Ménon* onde, enfatiza, é um escravo que, graças às perguntas de Sócrates (que ele compara a de um sociólogo que sai à rua para fazer pesquisas), reencontra elementos de geometria.

42 - Cf. Francine Muel-Dreyfus, « Une écoute sociologique de la psychanalyse », in Pierre Encrevé, Rose-Marie Lagrave (dir.), *Travailler avec Bourdieu*, Flammarion, 2003, p. 232.

43 - Cf. Relatório de campo, *ibid*, p. 4. Pelo que sabemos, ao menos três entrevistas foram filmadas: uma de Pierre Bourdieu com um "Jovem árabe", uma de Gabrielle Balazs e Rosine Christin com uma professora de educação básica e uma com uma recepcionista de hotel.

44 - « Séminaire enquête du 31 janvier 1991 », p. 2 Archives Pierre Bourdieu, 1 ARCH 590.

45 - Séminaire de l'EHESS du 13 février 1992. Concernant la question de « la conciliation des contraires » : Pierre Bourdieu, *Science de la science et réflexivité*, Raisons d'agir, 2001, p. 216.

46 - « Relatório de Campo », *ibid*, p. 4. A exploração dos arquivos também revela que as estatísticas, os trabalhos relativos ao consumo de drogas, álcool, tranquilizantes, mas também ao suicídio, são recolhidos por Claire Givry de modo a ter indicadores de "anomia" bem como de "sofrimento social" e que, à certa altura se pensou em inserir duas ou três tabelas estatísticas em *La Misère du monde*. Da mesma forma, ressaltamos que, no início da investigação, fazíamos monografias sobre as instituições encarregadas do "mal-estar", ou "do sofrimento das pessoas". Por exemplo na associação SOS adolescentes, ou mesmo no programa de rádio de Mènie Grégoire onde os ouvintes tomam a palavra para confidenciar o seu sofrimento pessoal. Neste programa de rádio mencionado trabalhava o sociólogo Smain Laacher, presente logo no início da investigação e que depois desapareceria.

47 - « Note de la réunion fin juin 1999... », *ibid*, p. 3.

48 - « Enquête « malaises » », octobre 1990, p. 4. Archives du CSE, 199 EHE, carton 118.

49 - Cf. *Le déracinement, la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*, Minuit, 1964. Segundo Francine Muel-Dreyfus, que também contribuiu para o livro *A Miséria do Mundo*: "O lugar de Sayad dentro do grupo de pesquisadores que Bourdieu gostava de chamar de "intelectuais coletivos" foi muito importante. Este empreendimento editorial não teria vindo à luz do dia sem as conquistas das entrevistas que realizava desde 1975 no âmbito do Centro de Sociologia da Educação e da Cultura. Elas serviram de modelo para as entrevistas qualitativas que constituíram o material "socioanalítico" desta pesquisa. Cf. "Com Sayad, lições de socioanálise", *Hommes & Migrations*, n° 1339, outubro-dezembro de 2022, p. 126. Notavelmente, Francine Muel-Dreyfus também aponta que originalmente Sayad era um psicólogo treinado. Aliás, ele chegou a realizar uma licenciatura em psicologia na Universidade de Argel.

50 - Para um retorno reflexivo sobre esta pesquisa: Christian Corouge, Michel Pialoux et Julian Misch, « Engagement et désengagement militant aux usines Peugeot de Sochaux dans les années 1980 et 1990. Pourquoi la « Chronique Peugeot » de 1984-1985 parue dans *Actes s'est-elle interrompue ?* », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n°196/197, 2013.

51 - Cf. Patrick Champagne, « La Misère du monde », in Gisèle Sapiro (dir.), *Dictionnaire international Bourdieu*, CNRS éditions, 2020, p. 576.

52 - « Notas de campo, fim de junho 1990... », *ibid*, p. 7.

53 - Digo « para nós », porque outras pessoas como Rosine Christin, por exemplo, que realiza um número considerável de entrevistas e que, com Marie-Christine Rivière, secretária de Bourdieu, também trabalha muito na diagramação do livro, papel fundamental nesta pesquisa. Uma investigação mais aprofundada seria necessária para entender melhor o papel desempenhado por todos aqueles que atuaram nos bastidores desse empreendimento coletivo.

54 - No final, para cada entrevista utilizada, o entrevistado recebia 2.000 francos. Para se ter uma ideia de quando a obra foi publicada, *La Misère du Monde* custava 160 francos.

55 - Durante esta pesquisa, nosso grupo de doutorandos se reuniu quatro ou cinco vezes, sem contar os encontros bilaterais organizados em torno da discussão das entrevistas produzidas por cada um. Da mesma forma, durante certos seminários, Bourdieu às vezes falava dessa investigação.

56 - É o caso particular de Sylvain Broccolichi, aluno de doutorado matriculado com Pierre Bourdieu que em 1994 defendeu uma tese sobre « a organização da escola », psicólogo de profissão, um pouco mais velho que nós e de quem Bourdieu repetidamente elogia tanto a clínica

quanto a sentido sociológico. Em colaboração com sua filha mais velha, Françoise Oevrard, que trabalhava no Ministério da Educação Nacional e a quem Bourdieu apelidou incidentalmente de "o cão de guarda da Educação Nacional", também publicou em *La Misère du monde* um « texto teórico » sobre o sistema escolar («L'engrenage»), a publicação desse tipo de texto geralmente é prerrogativa de pesquisadores mais antigos e mais experientes, homens, etc.

57 - Cf. Pierre Bourdieu (dir.), *La Misère du monde*, Seuil 1993, p. 921, note 16.

58 - Nos arquivos, encontramos apenas 45 entrevistas que não foram utilizadas. Parece também que no início os participantes (que vão desaparecer muito rapidamente) aproveitam a oportunidade para propor entrevistas já realizadas a pessoas da sua área e que consideram estar em situação de mal-estar social (por exemplo com os desempregados), mas não se enquadrando realmente no escopo da pesquisa, uma vez que esta vem sendo gradualmente definida.

59 - Cf. Julien Duval, « L'entremêlement de la sociologie et des mathématiques », in Julien Duval, Johan Heilbron et Pernelle Issenhuth, *Pierre Bourdieu et l'art de l'invention scientifique*, Classiques Garnier, 2022, p. 339.

60 - Sobre questões de visibilidade, assinatura fortemente determinada pela posição que cada um ocupa na divisão do trabalho científico, ver os trabalhos de Gilles Laferté, Paul Pasquali e Nicolas Renahy (dir.), *Le Laboratoire des sciences sociales, histoire d'Enquêtes e revisites*, Razões para agir, 2018. Bem como o de Françoise Waquet: *Dans les coulisses de la science, techniciens, petites mains et autres travailleurs invisibles*, CNRS éditions, 2022.

61 - Nos arquivos, encontramos vestígios de cerca de vinte adaptações diferentes de *La Misère du monde*, incluindo uma completa realizada na *Cartoucherie de Vincennes* em 16, 17 e 18 de junho de 1995 e que mobiliza cerca de uma centena de atores e diretores no palco.

62 - Cf. Archives Pierre Bourdieu, 1 ARCH 662/2.

63 - Também nos arquivos, encontramos uma série de planos intermediários, incluindo uma « Montage fantôme du livre » datada de 19 de dezembro de 1991, além de outra posterior que poderia ser descrita como mais "acadêmica" porque é inspirada diretamente no cânone do *Métier de sociologue* (1 A construção social da realidade. 2 As contradições da política da pobreza. 3 A construção científica do objeto.). Os esboços que notamos pouco têm a ver com o esboço final (Arquivo Pierre Bourdieu, 1 ARCO 668). Mas como estudante, não estivemos associados a esta etapa do processo editorial que também dificilmente aparece nos arquivos. Daí o nosso espanto, mas também orgulho quando recebemos pelo correio o nosso « exemplar do autor », e percebemos a magnitude do resultado final da investigação.

64 - A partir desta data, Gabrielle Balazs desempenhará um papel central na vida desta revista.

65 - Nota-se que é em setembro de 1992 que Bourdieu publica "Les Règles de l'art", obra na qual se dedicou a realizar um estudo sociológico do projeto estético de Flaubert.

66 - Cf. *La Vie comme un livre. Mémoires d'un éditeur engagé*, éditions Philippe Rey, 2020, p. 202.

67 - Cité par Thierry Gandillot dans « La misère de Bourdieu, Les damnés de la France », *Le Nouvel observateur*, 10 mars 1993, p. 92.

68 - Sabendo-se também que o fato de reter, ou rejeitar, tal ou tal entrevista também se refere às contingências práticas muitas vezes ignoradas por investigadores não associados a esta fase do processo editorial e, por exemplo, ao facto de tal ou tal problema, profissão, etc., já ser relativamente bem discutido, ou não, por outra entrevista. Mas também a questão de espaço (à certa altura, trata-se de aumentar a obra de 1000 para 800 páginas...).

69 - Deve-se notar que essa inflexão para o « espiritual » é encontrada em outras disciplinas, como por exemplo, na psicanálise, mas também por influência de Michel Foucault e Pierre Hadot, dois outros professores do Collège de France : Cf. Jean Allouche, *La Psychanalyse est-elle un exercice spirituel ? Réponse à Michel Foucault*, Éditions EPEL, 2007.

70 - Cf. Pierre Bourdieu, *La Misère du monde*, op. cit., p. 910 et 914.

71 - Cf. *Esquisse pour une auto-analyse*, Raisons d'agir, 2004.

72 - « Recordemos aqui que Pascal, pensador cristão rigoroso, particularmente sensível à questão do relativismo cultural e matemático, de quem Bourdieu se sentia muito próximo é, em particular,

o autor deste famoso aforismo segundo o qual: « O coração tem as suas razões que a própria razão desconhece ».

73 - Para uma descrição do papel do "treinador" científico desempenhado por Bourdieu: Yves Winkin, « Bourdieu entraîneur », in Gérard Mauger (dir.), *Rencontres avec Pierre Bourdieu*, Éditions du Croquant, 2005.

74 - Sobre a participação (muitas vezes invisível) do trabalho feminino na produção científica: Françoise Waquet, *Dans les coulisses de la science*, op. cit. E mais especialmente o capítulo 3 «La composante féminine».

75 - Em 11 de maio de 1998 Stéphane Beaud, ex-professor da *École Normale Supérieure na rue d'Ulm* e autor com Florence Weber de um manual de pesquisa que teve grande sucesso (*Guide de l'enquête de terrain*, La Découverte, 1997) intervém no seminário de Pierre Bourdieu para falar sobre a *agrégation* das ciências sociais. E Bourdieu sublinha que este tipo de concurso não é o melhor meio para selecionar ou formar pesquisadores.

CHARLES SOULIE: É professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Paris 8 Vincennes-Saint-Denis.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7120-6709>

E-mail: charles.soulie@neuf.fr

MARIA AMALIA DE ALMEIDA CUNHA: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003,) doutorado sanduíche em Sociologia - Paris X - Nanterre (2001) e pós-doutorado em Educação pela Unicamp (2018). Atualmente é professora titular na Universidade Federal de Minas Gerais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0233-3883>

E-mail: amalia.fae@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).